

Fernando Pessoa

The truth about such men as Shaw...

The truth about such men as Shaw and (...) is that they are barbarians. They break in upon civilisation with the novelty of not belonging to it, and make as much show as a negro in Scandinavia. Their very blackness is their white mark. The real novelty that endures is the one that has taken up all the threads of tradition and weaved them again into a pattern that tradition could not weave them into. The essential ideas of genius are as old as the basis of genius which is the existence of mankind. Each man of genius takes up this old thread-worn garment (...).

The other element of notoriety called fame is being a barbarian. By being a barbarian I mean coming into civilisation from outside it; belonging to it by street number but without the soul to understand why streets were made and numbers put to the old tradition of separate doors.

All great poets have belonged to a continuation of the same tradition diversified by temperament. Some have done this by giving their individuality to elaborate learning; this is the case of Virgil (learned in his time), Dante and Milton. Others have done this by gathering within their individuality the totality of observation and experience; this is the case of men like Shakespeare and Walt Whitman. The definite moral characteristic of the first is their seriousness, their high seriousness as Matthew Arnold would have said. The definite moral characteristic of the second is their amorality; both Shakespeare and Whitman were indifferent to moral values except in so far as they were susceptible of being converted by temporary emotion into aesthetic values. Both were pederasts, by the bye. (...)

The essential thing about the barbarian is that he is wholly modern; he is altogether of his times because the race, to which he belongs, has no civilizational times before. He has no ancestors outside biology. The common trait of Lenin and Shaw, of Wells and (...) When they appeal to Something outside themselves, they appeal to things like mankind, which is the common expression for the animal species that has the human form and inexistent outside zoology, or science, which has nothing to do with the human mind except being produced by it, but not for it.

The negro always wears the latest fashions. The cannibal, if he were here, would always order (have) the latest dishes. Both, for obvious reasons, sometimes feel pessimistic.

A verdade acerca de homens como Shaw e (...) é que são bárbaros. Irrompem na civilização com a novidade de quem não lhe pertence, fazendo a mesma vista que um negro na Escandinávia. A sua própria negrura é o seu selo branco. A verdadeira novidade que permanece é a que pega em todos os fios da tradição e os tece novamente num padrão que a tradição não lograria produzir. As ideias essenciais do génio são tão antigas como a base deste último, que é a existência da humanidade. Todo o homem de génio pega nesta velha vestimenta coçada até ao fio. (...)

O outro elemento da notoriedade a que se chama a fama é ser-se bárbaro. Por ser bárbaro entendo eu entrar na civilização vindo de algures fora dela; pertencer-lhe pelo número da porta da rua, mas sem alma para compreender qual a razão por que existem ruas e se puseram números na antiga tradição de portas separadas.

Todos os grandes poetas têm pertencido a uma continuação da mesma tradição diversificada pelo temperamento. Alguns fizeram-no consagrando a sua individualidade à erudição requintada; é o caso de Virgílio (erudito na sua própria época), Dante e Milton. Outros têm-no feito reunindo na sua individualidade a totalidade da observação e da experiência; é o caso de homens como Shakespeare e Walt Whitman. A característica moral definida dos primeiros é a sua seriedade, a sua elevada seriedade, como diria Matthew Arnold. A característica moral definida dos segundos é a sua amoralidade; tanto Shakespeare como Whitman eram indiferentes aos valores morais, excepto na medida em que estes eram susceptíveis de serem convertidos em valores estéticos pela emoção temporária. Diga-se de passagem que ambos eram pederastas (...).

O facto essencial acerca do bárbaro é que é inteiramente moderno; pertence em absoluto à sua época porque a raça de que provém não tem atrás de si qualquer era civilizacional. Não tem antepassados fora da biologia. O traço comum a Lenine e Shaw, Wells e (...). Quando apelam para qualquer coisa alheia a si próprios apelam para coisas como a humanidade, que é a expressão comum para designar a espécie animal de forma humana e inexistente fora da zoologia, ou da ciência, que nada tem que ver com o espírito humano excepto ser produzida por ele mas não para ele.

O negro veste-se sempre pela última moda. Um canibal, se aqui os houvesse,

mandaria vir sempre os pratos mais modernos. Ambos, por motivos óbvios, sentem, por vezes, pessimistas.

s. d.

“Erostratus”. in Páginas de Estética e de Teoria Literárias. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966.: 211.